

## RECORDANDO AGRIPPINO GRIECO (1888/1973)

José Raimundo Gomes da Cruz  
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Certamente não tendo esquecido minha antiga admiração pelo nosso crítico literário mais irreverente – Agrippino Grieco – meu concunhado José Expedito Prata me forneceu cópia do artigo de Ruy Castro sob o título “Louco por Agrippino”, na Folha de S. Paulo deste domingo, 25/2/18.

Certo leitor informara que, viajando pela América Central, encontrara “busto do crítico brasileiro Agrippino Grieco”, em “praça da cidade de Leon, na Nicarágua”. Em resposta, o jornalista foi escrevendo que Agrippino Grieco “foi um grande nome da nossa cena literária. A partir de 1920, resenhou para jornais e revistas do Rio toda a literatura de seu tempo, arrasando com 90% dela à base de argumentos que ninguém ousava contestar.” Sabia demais, como provam seus livros, “hoje só encontráveis em antiquários”. Lia todos os clássicos no original. Estilo simples, mas sempre servido de muito humor. Morava em casa no bairro carioca do Méier, no meio de 40 mil livros. Com sua morte, a casa virou padaria, enquanto a biblioteca foi vendida para a Universidade de Brasília. Algumas capitais homenageiam a memória de Grieco com nome de rua. Em praça do Méier, no Rio, com seu nome, há até busto dele.

Por que busto dele também na Nicarágua? Seu neto, Alfredo Grieco, amigo do Ruy Castro explicou: “fundiram-se dois bustos. Ao saber que havia um busto sobrando, um diplomata da Nicarágua, louco por Agrippino, conseguiu com que ele fosse para seu país.”

Entre meus livros preferidos, que são centenas, encontro alguns do grande literato Agrippino Grieco. Como, segundo a crônica citada, seus livros só são “encontráveis em antiquários”, tratarei de citá-los, antes de prosseguir;

*Evolução da poesia brasileira* (3. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1947); *Memórias de Agrippino Grieco – I-Província*, Rio de Janeiro : Conquista, 1972; *Vivos e Mortos*. 2 ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1947; *Estrangeiros*. 2. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1947; *Amigos e inimigos do Brasil*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1954; *Poetas e Prosadores do Brasil (De Gregório de Matos a Guimarães Rosa)*. Rio de Janeiro : Conquista, 1968; *Gralhas & pavões*. Rio de Janeiro : Record, 1988; *Disparates de Todos Nós*. Rio de Janeiro : Conquista, 1968. v. 1: *Agrippino Grieco O diabo jovial*. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

Não encontro, entre meus livros, por exemplo, São Francisco de Assis e a Poesia Cristã, Carcaças gloriosas, Zeros à esquerda e O Sol dos Mortos, todos das “Obras Completas de Agrippino Grieco, lidos de empréstimo, no final dos anos 1950, da Biblioteca do SESI, em Belo Horizonte. Tal coleção, em 1947, incluía onze livros, dos quais só citei aqueles de títulos mais originais.

Além de Grieco, tenho lido, com frequência, mais dois outros autores, o que se percebe pela frequência da sua citação nos textos que escrevo: Tristão de Athayde e Paulo Rónai.

Consultando deste o Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985), encontro apenas um verbete sobre Grieco (Agridino): “Seus ditos de espírito são tão numerosos e tão saborosos que constituem, sem dúvida alguma, uma parte considerável de sua própria obra literária. E talvez mesmo a mais original, já que em toda a nossa história literária não se poderá, creio eu, apontar quem tenha, em seu ativo, tal monta de frases espirituosas e de imagens que fixam, num epigrama, uma figura ou uma obra literária, como Agridino.” (Tristão de Athayde – 1893/1983 – *Meio século de presença literária: O Mel do Méier*).

A propósito do volume citado dos *Disparates de Todos Nós*, Grieco trata de colocar nota na p. 4: “Sem sobrecarregar estes volumes com indicações minudentes (guardo-as aqui em casa, para os que duvidarem), aí vão centenas e centenas de pérolas recolhidas em livros, revistas e jornais, não faltando também preciosidades recolhidas em trabalhos meus”.

Alguns exemplos: “Citando Unamuno, o *Jornal do Brasil* de 15-10-36 evoca o ‘túmulo do Quixote’, de que sairá a ‘renascença da Espanha’. O mais difícil é encontrar esse túmulo, sendo desnecessário explicar que se trata de figura imaginária.” (p. 5); “Segundo Davi Nasser, no *Cruzeiro* de 5-8-44, Antar é ‘poeta árabe da geração moderna’, cochilo imperdoável num descendente de orientais, visto como o poeta e guerreiro Antar morreu ali pelo ano 615 da era cristã” (p. 46). “Num jornal paulista, Augusto dos Anjos foi chamado de ‘grande poeta pernambucano’. Grande, sim, mas da Paraíba, Sr. Rodolfo Blanco.” (p. 84)

Não convém esquecer meu texto divulgado pela APMP – [divulga@apmp.com.br](mailto:divulga@apmp.com.br), em 6/5/15 – “Ainda o problema da revisão de textos”. Ali aponto alguns equívocos cometidos por revisores em escritos da minha autoria.